

realidades, convicções presentes nos diversos cotidianos. Nos debruçar nessas práticas é evidenciar essas redes de possibilidades, as combinações de operações que muitas vezes não lhes damos atenção, ou seja, como Certeau mesmo nos direciona, nas criações das ‘táticas’ que se embarçam nos cotidianos. Importante salientar que "o cotidiano se inventa mil maneiras de caça não autorizada" (CERTEAU, 2012, p. 38) corroborando com as diversas criações que são feitas constantemente, no dia a dia, sem repararmos.

Descobrimos, nesse processo de criação e aprimoramento nas diferentes redes educativas cotidianas que todos formamos e nas quais somos formados permanentemente, que algumas conversas potencializam e que podem se caracterizar como nosso lócus de pesquisa. Através de conversas sobre filmes nos/dos/com os cotidianos que deles resultam narrativas – sons de todos os tipos – e as imagens diversas tornam-se nossos intercessores principais de pesquisa (BRANDÃO, ALVES, CALDAS, 2017).

Um dos filmes dialogados por nós foi o filme *A língua das mariposas*. Um filme espanhol dirigido por José Luis Cuerda em 1999, que mostra a relação de um menino com seu professor, alterada pelo início da guerra civil espanhola em 1930. Para o pequeno Poncho, a vida está apenas começando. Ele entrou na escola, caiu nas graças do professor Dom Gregório, fez amizade com um menino chamado Roque. Passou a excursionar com a banda de seu irmão mais velho, um saxofonista, mas nem tudo foram flores. O pai do garoto e seu querido professor se envolveram na Guerra Civil Espanhola, transformando em tristeza a alegria do menino (A LÍNGUA DAS MARIPOSAS, 2022).

No filme podemos perceber muitos aspectos ligados à escola e como os cotidianos se refletem nisso. Em uma cena, Poncho acreditando nos boatos de que seu professor, Don Gregório batia naqueles que não vão bem nas aulas, com isso, Poncho acaba urinando na própria calça na frente de toda a turma, o menino assustado foge, colocando todo o vilarejo atrás dele durante todo o dia. Quando localizado, o professor vai até a casa de Poncho, explica que nada faz do que ele havia pensado, aproximando-se da criança, que logo supera o medo de apanhar e acaba se apaixonando pelo professor e por todo o ‘*espaçotempo*’ da escola. A sala de aula é onde são criadas inúmeras narrativas e toda a tensão das ruas acerca das notícias da aproximação da Guerra Civil Espanhola, começam a adentrar os cotidianos da escola e da cidade. Todos os acontecimentos passam a ser ‘*vistosentidoouvidopensado*’ dando um novo rumo para o conteúdo da aula.

Percebemos que as redes educativas se comunicam o tempo todo, como por exemplo, as questões que existem fora da escola que muitos julgam não entrar nela, quando essa é uma questão central no filme e para nós que trabalhamos nos/dos/com os cotidianos podemos observar muito isso. Essa ideia de que as escolas e a sociedade estão separadas é mentirosa, pois não dá para criar muros com o que se passa ‘*dentrofora*’ das escolas. Porque nós todos somos pessoas que vivemos no ‘*dentrofora*’ da escola o tempo todo. Impossível dizer que os problemas sociais não entram na escola, eles estão permanentes nas escolas, pode ser que não queiramos vê-los, senti-los, percebê-los, mas as questões estão sempre dentro da escola para

serem vistas/pensadas/resolvidas.

Uma outra narrativa que o filme traz é sobre a disciplinarização dos corpos na escola. A lógica disciplinar de que há um dentro e um fora separado, que é um poder disciplinador, uma idealização. Certeau foi um intelectual atento às essas práticas, essas crenças e essas criações cotidianas que forjaram redes políticas microbianas de poder e de ‘*saberesfazeres*’ que existem nas redes cotidianas, explica que “sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ‘ausência de poder’ assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 2012, p. 101).

O final do filme é surpreendente, pois traz uma cena de quando o professor é preso e seu aluno, que era seu amigo, é obrigado a xingá-lo diante de toda a população. Nessa hora que Poncho mostra as tantas aprendizagens que teve com o professor, onde a forma que o menino começa a xingá-lo, são as aprendizagens que ele teve com ele, a forma dele mostrar solidariedade ao professor, foi dizer as palavras que ele aprendeu com o mestre. Inverte o que estava acontecendo naquele momento. Algo extremamente potente, o ‘*dentrofora*’ está em trocas permanentes. Aprendemos juntos, o diretor encontra essa saída, de que a história não acaba ali, é sutil, mas foram múltiplas as aprendizagens, ficou nas entrelinhas a ideia de “eu aprendi muito com você”. A possibilidade de mudança, mesmo quando o cenário é contraditório.

As conversas com os filmes têm nos mostrado que somos todos ‘*docentesdiscentes*’, imbuídos na arte de romper com o instituído como nos diz Certeau. Aprendemos a aprender com o outro, na medida que o outro tem uma importância muito grande nos nossos processos formativos, assim como nossas ‘*cinconversas*’. São muitos movimentos cotidianos no processo de ‘*verouvirsentirpensar*’ que nos inspiram a criar e a resistir às agendas retrógradas na atualidade, gerando beleza, criando muitas possibilidades de trabalho e de potências de pesquisas.

Palavras-chave: Redes educativas – Cinema – Currículos - Cotidianos.

Referências:

A LÍNGUA DAS MARIPOSAS. Disponível em <https://apostiladecinema.com.br/a-lingua-das-mariposas/> Acesso em: 20/04/2022.

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008: 28- 45.

BRANDÃO, Rebeca Silva; ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes. ‘*Práticasteorias*’ de docentes em formação na crítica a clichês presentes em filmes ‘sobre professores’. Revista Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 23, n. 52, p. 599-617, jun. a set. 2017.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. 19^a. ed. Petrópolis/RJ:

